



SIDERURGIA *Banco estatal vai financiar 75% da operação* **BNDES dará mais US\$ 150 mi para descruzamento da Vale e da CSN**

DAVID FRIEDLANDER
DA REPORTAGEM LOCAL

O governo vai colocar mais dinheiro do que se imaginava no descruzamento acionário entre a Vale do Rio Doce e a CSN (Companhia Siderúrgica Nacional).

O plano inicial era que o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) entrasse com US\$ 300 milhões para viabilizar a operação. Agora o banco vai ser fonte também de outros US\$ 150 milhões. Isso significa que o desembolso do governo nessa operação aumenta 50%.

Ao todo, o banco oficial vai contribuir com US\$ 450 milhões para que o grupo Vicunha, de Benjamin Steinbruch, assuma sozinho o controle da CSN. Desse total, US\$ 300 milhões o BNDES vai emprestar diretamente. Os outros US\$ 150 milhões chegarão à Vicunha em nome de dois bancos privados, Unibanco e BBA. Ao re-

passar o dinheiro do BNDES, Unibanco e BBA assumem o risco do empréstimo. O lucro da operação fica com os dois bancos privados e não com o BNDES —que arrumou o dinheiro.

Semana passada, o BNDES pediu mudanças no pacote financeiro que a Vicunha preparou para tomar US\$ 600 milhões emprestados. Steinbruch precisa dessa quantia para comprar as ações da CSN que pertencem à Bradespar e à Previ (fundo de pensão do Banco do Brasil). Além dos recursos do BNDES, Steinbruch conseguiu que Bradespar e Previ aceitem receber US\$ 150 milhões num prazo médio de cinco anos. Depois de ampliar sua participação na CSN, Steinbruch venderá à dupla Bradespar e Previ as ações que a siderúrgica possui na Vale.

No saldo final dessa troca, a Vicunha fica mandando sozinha na CSN enquanto Bradespar e Previ passam a dar as cartas na Vale.

A condição fundamental para que tudo isso dê certo é que Steinbruch arrume o dinheiro que falta. No começo ele queria que o BNDES financiasse 100% da operação. O banco recusou.

Até a semana passada, o presidente do BNDES, Francisco Gros, dizia que a instituição emprestaria no máximo metade dos US\$ 600 milhões —provavelmente até menos do que 50%. Só que a soma de tudo que irá sair do caixa do BNDES e aterrissar na conta da Vicunha corresponde a 75% da operação de empréstimo.

Procurado pela Folha, Gros mandou dizer, por meio de sua assessoria de imprensa, que não podia falar sobre a operação até que ela seja concluída.

Na avaliação de Brasília, a separação da Vale e da CSN é uma questão estratégica. São companhias gigantescas, com enorme potencial para crescer, aumentar as exportações e gerar empregos.